

---

# AMOR E VERDADE NAS COOPERATIVAS

---

*Guilherme Krueger - Advogado, Mestre em Filosofia pela UFRJ*

*Rio de Janeiro, domingo de festa da Imaculada Conceição  
em 2013*

Meu bom juiz Renato!

Sua solidariedade me moveu contigo e nela encontro sentido para o sofrimento como oportunidade de revelação da bondade<sup>1</sup>. Neste sentido me inspiro para essas próximas palavras sobre o tema de nosso jantar. Espero que estejam à altura da sua leitura e a de todos que encontrarem esta carta aberta.

O caos é a existência indiferente e indistinta, o acontecimento sem nenhum sentido, a queda no abismo sem fundo entre o antes e o depois. A falência do instante *já* para *a* em todas possibilidades de existir e não existir.

No início, porém há iniciação. Na iniciação, o princípio se revela já como um sentido possível. Ele já é um salto entre o antes e

<sup>1</sup> “Cristo ensinou o homem a fazer bem com o sofrimento e, ao mesmo tempo, a fazer bem a quem sofre. Sob este duplo aspecto, revelou cabalmente o sentido do sofrimento” (§ 30) Papa João Paulo II. Carta Apostólica Salvifici Doloris, de 1984. [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_letters/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_11021984\\_salvifici-doloris\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris_po.html)[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_letters/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_11021984\\_salvifici-doloris\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris_po.html)

o depois. Puro ato. O próprio instante para diante como realização que só alcança plenitude de seu sentido no fim.

Ao dizer o existente no mundo, o princípio faz do mundo lugar de comunhão. Mas, o princípio não já pode ser uma iniciação qualquer, senão eterno retorno. Aí, há um conseguimento. E este conseguimento é uma recusa ao caos: o princípio não pode tender à totalidade, à neutralidade e à temporalidade sem que oculte, mais do que mostre, o mal. O princípio, para ser bom, guarda a esperança e o amor até o fim, em que pese o que venha a ser até aí.

Se o princípio segue com a esperança e o amor até o fim, já é Verbo. Já é linguagem que revela uma paixão bela, boa e verdadeira. A transcendência e a alteridade unidas, mas não confusas no acontecimento é ética. No acontecimento ético, o transcendente e o outro se entregam entre si esperançosos e amorosos.

O acontecimento ético, conquanto uma eclosão de linguagem e realidade, não se mostra numa abordagem epistemológica. O acontecimento é mais próximo, mas o seu acesso não é sistemático, muito menos esquemático. É o extraordinário no mais prosaico. Não se repete, mas sempre é presente. Isso, nenhuma ciência mostra em desencanto. Só a narrativa que encanta.

Estou tão interessado nos dilemas éticos quanto no lícito e no ilícito, que aparece no direito como algo racional: uma torrente dialética de águas claras. Uma apropriação, um controle, uma formalização por causas. Os dilemas, por outro lado, são verbos que me convocam como um drama. Há no drama o aparecimento do que faz do direito, Direito. Aquilo que, no Direito, responde quiçá melhor pelo seu vir a ser. No drama, o marginal e o normal podem ocupar juntos o foco do texto. Pois o normal se compadece, ou se abisma. No drama, o princípio se rebate no fim e volta, não ao começo,

embora recomeço. Nas indecisões dos paradoxos e das ambigüidades, podem estar expostas as ideologias que as certezas talvez ocultem nas interpretações dos textos legais e nas jurisprudências.

Pensar o Direito pelos dilemas éticos é sair e não sair do Direito, pois é dar voltas em torno dele mesmo, na medida em que expõe melhor suas hierarquias face às suas noções de equidade; suas interdições face às suas noções de liberdade; suas seguranças face às suas noções de justiça; suas violências face às suas noções de magnanimidade; suas rotinas face às suas finalidades. E tudo isso com a sua inegável vocação para o ritual tendente ao aristocrático, desde que meritório, como filtro dos conflitos que vêm das ruas com a necessária polidez do trato profissional, diante de seu ideal de saturação democrática.

O contraponto do dramático, do lusco-fusco, do pardo é a lógica argumentativa na coerência das demonstrações da causa e da conseqüência, da responsabilidade e da situação, do fato e do interesse, da pessoa e do patrimônio, da superação e da reparação, do certo e do errado. Eis que o Direito não pode esperar que o ser ético se lhe dirija a palavra em seu jogo de esconde-esconde no emaranhado de símbolos e significados, decisões e utilidades, serviços e complexos, vítimas e algozes. Ao contrário. A ética acontece imediatamente, mas não se reflete como idéia de si mesma de modo fácil e muito menos banal: eis a sabedoria do Livro de Jó.

Se a identidade tem sido uma preocupação constante para as cooperativas, ela assume feição de dilemas visíveis em suas realizações no mercado: como expor os valores de identidade cooperativa e manter-se fiel aos princípios em meio às manobras pelos consensos e às pressões por resultados?

Intrigado com esses dilemas, empreendi uma investigação cuja conclusão foi defendida em banca de dissertação sob o título

*Cooperativismo e Fenomenologia dos Valores: a Cooperação na Ordem Econômica*, com a qual fui honrado como Mestre em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Durante a investigação, constatei que a declaração vigente para a Aliança Cooperativa Internacional sobre a identidade cooperativa desde o seu Congresso Centenário de 1995, realizado em Manchester não distingue a cooperação da cooperativa:

*“As cooperativas baseiam-se em valores de ajuda e responsabilidade próprias, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Na tradição dos seus fundadores, os membros das cooperativas acreditam nos valores éticos da honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação pelos outros”.<sup>2</sup>*

Ora, se uma sociedade, uma propriedade, ou um ato *só* por serem cooperativos, *já* não nos são indiferentes, *cooperativistas que somos*, suportam *em comum* um valor singular, mas que lhes transcende - a cooperação.

Essa indistinção entre cooperação e cooperativa induz o Plano de Ação da Década Cooperativa (o *Blueprint* da ACI)<sup>3</sup> a expressar a cooperativa como forma, conquanto sua materialidade é tomada por empresarial: uma empresa (atividade) sob forma cooperativa:

*“Único caso entre os modelos empresariais, as cooperativas fornecem recursos econômicos sob controle democrático. O modelo cooperativo é comercialmente eficiente e uma eficaz forma de fazer negócios que cobrem um largo espectro das necessidades humanas. (p. 2)*

*“O ambicioso Plano – a “Visão 2020”- visa que em 2020 a forma cooperativa de negócio se torne (...) o tipo de empresa*

---

<sup>2</sup> [http://www.cases.pt/0\\_content/actividades/doutrina/principios\\_cooperativos\\_-\\_de\\_João\\_Salazar\\_Leite.pdf](http://www.cases.pt/0_content/actividades/doutrina/principios_cooperativos_-_de_João_Salazar_Leite.pdf)

<sup>3</sup> <http://ica.coop/en/blueprint>

*com mais rápido crescimento (...). Por isso acreditamos que as prioridades maiores são levar cada vez mais pessoas a conhecer a forma cooperativa de empresa (...)”(p.3)*

## **O PROBLEMA:**

Uma identidade que nos seja afetiva não pode ser reduzida à forma sem que isso se torne um problema<sup>4</sup>. Pois para nos afetar, o valor que essa identidade suporta - a cooperação - precisa ter fundamento material, ainda que seja também idealizado.

## **COMO LIDAR COM O PROBLEMA?**

A ACI está adotando um discurso erigido a partir da relação racional entre meios e fins. A ética assim compreendida não dá conta da carga emotiva numa preferência constitutiva do que seja cooperativo (sociedade, propriedade ou ato). Foge a esse discurso como reconstituir uma escolha original, quase mítica, em que ser sócio de uma cooperativa e operar com ela, mesmo no mais prosaico acontecimento, é algo extraordinário, heróico.

A materialização da cooperação na ordem econômica remete a uma devoção de vida e a uma vocação, ambas dirigidas ao proveito comum como consumação de uma promessa. E não somente como resultado das relações entre vantagens e ônus, incentivos e sanções disciplinares, custos e margens. Mas, é muito importante ressaltar: ambos os sentidos não são excludentes. Ao contrário, são integrados.

A principiologia (considerado o atual estado das artes, tal como está expresso no *Blueprint* da ACI) se mostra insuficiente para que as cooperativas dêem conta dos seus desafios singulares, quando

---

<sup>4</sup> O porquê desse problema foi originalmente exposto por Max Scheler (Ética.. Tomo I. Trad. Hilário Rodriguez Sanz. Buenos Aires: Revista de Occidente Argentina, 1948).

refletida em meio às comunidades de cooperados, suas famílias e entidades componentes da sociedade, em especial aos contratantes no mercado e aos operadores do Estado que lidam com elas.

Em seu socorro, as cooperativas então podem recorrer ao repertório de idéias em torno da cooperação que o magistério eclesiástico católico vem expondo aos seus fiéis nos últimos anos.

Qual o valor com o qual um Estado pode cumprir suas promessas mais legítimas aos cidadãos sob seus cuidados? A democracia? A dignidade? Talvez...

Mas, sem um senso amoroso, uma comunidade se esvai na sociedade. Para uma sociedade sem essa comunhão incerta, espontânea e graciosa da bondade, o Estado só pode seguir fundado em cálculos de utilidade, em meio ao jogo dos interesses, movido pelos medos do pior. O Estado se reduz a um contingente de servidores burocratas ou demagogos alimentado por concurseiros e candidatos profissionais. Cada um cuida de si mesmo, mesmo engajado num coletivo e tudo mais é só discurso e gestão.

No dizer o que a República veio a ser, a modernidade testemunhou uma troca do sistema tradicional de virtudes por outro de conhecimentos neutros, totalizantes, inovadores e apropriativos como domínio de si e do mundo pela previsibilidade corporificada socialmente sob o império de um Estado técnico, promotor de um sentido formal de justiça e material de segurança, garantidor do bem-estar e regulador da livre iniciativa. Ainda que ao preço de violências extremas. Em Alemanha, mesmo berço do Estado do Bem Estar Social e das cooperativas de crédito, os campos de extermínio com sua utopia racial e seu caráter metódico, burocrático e tecnológico, traíram a promessa da razão: ela não responde de imediato ao trágico frenesi violento que marca a humanidade. Mas, de imediato potencializa seu impacto de autodestruição.

Edmund Husserl e Max Scheler redescobriram a possibilidade do extraordinário na mais prosaica existência, que é descoberta original na linguagem dos mitos. Possibilidade desdobrada por Martin Heidegger como verdade do ser, em sua existência apenas vislumbrada no ente. Hannah Arendt surpreendeu e incomodou ao perceber o mal absoluto encarnado num mero servidor público, cioso de seu trabalho e aplicado em executá-lo de maneira mais eficiente possível, esquecido da pluralidade de sentidos do que fazia. Ela se referia a Otto Eichmann, um homem qualquer, em que pese ter planejado a morte de milhões. É dela a expressão *banalidade do mal*. Esse mal como esquecimento, desaparecimento, nadificação do pensar e portanto do Verbo é desdobrado em Paul Ricoeur:

*“Dos filósofos, Agostinho sustenta que o mal não pode ser entendido como substância, pois pensar o ‘ser’ é pensar ‘inteligivelmente’, pensar ‘uno’, pensar ‘bem’. Então, o pensar filosófico exclui todo o fantasma do mal substancial. Por outro lado, nasce uma nova idéia de nada, e do ex nihilo, contida na idéia de uma criação total e sem excesso. Ao mesmo tempo, um outro conceito negativo, associado ao precedente, toma o lugar de uma distância óptica entre o criador e a criatura que permite falar de deficiência daquele que é criado enquanto tal; em virtude desta deficiência, torna-se compreensível que criaturas dotadas de livre escolha possam ‘declinar-se’ longe de Deus e ‘inclinarem-se’ em direção ao que tem menos ser, em direção ao nada”*

(....)

*“É preciso pensar num nada hostil a Deus, um nada não somente de deficiência e privação, mas de corrupção e de destruição. Assim faremos justiça, não somente à intuição de Kant do caráter insondável do mal moral, entendido como mal radical, mas também ao protesto do sofrimento humano que recusa se deixar incluir no ciclo do mal moral, a título de retribuição, e mesmo de se deixar enrolar na bandeira da providência, outro nome dado à bondade da criação. Sendo*

*tal o ponto de partida, como pensar mais que as teodiceias clássicas? Pensando diferentemente. E como pensar diferentemente? Procurando na cristologia nexu doutrinal. Reconhece-se aí a intransigência de Barth: o nada, é o que o Cristo venceu, se aniquilando a si mesmo na Cruz. Voltando do Cristo a Deus, é preciso dizer que em Jesus Cristo, Deus encontrou e combateu o nada, e que desse modo 'conhecemos' o nada. (...). Bem mais, se acreditamos que, em Cristo, Deus venceu o mal, devemos acreditar também que o mal não pode mais nos aniquilar; não é mais permitido falar dele como se ainda tivesse poder, como se a vitória fosse unicamente futura.”<sup>5</sup>*

Pensar em amor como fundamento primeiro e fim último do Estado é resgatar para o servidor público a nobreza em sua servidão. Algo muito além dos direitos e obrigações da cidadania. Então, já não é o Estado o promitente de um bem sempre posto adiante, o construtor de uma utopia. A comunidade sob os cuidados do Estado já vem a ser esse lugar, ainda que prenehe de esperança por dias melhores.

*“A experiência do amor diz-nos que é possível termos uma visão comum precisamente no amor. Neste, aprendemos a ver a realidade com os olhos do outro e isto, longe de nos empobrecer, enriquece nosso olhar”. É o que nos ensina o Papa Francisco na Encíclica Lumen Fidei<sup>6</sup>, diante de nossos receios de cerceamento da liberdade e da perda da autonomia do sujeito por imposições intransigentes. O que tem nos obrigado a exilar a verdade nos fatos e cálculos (recusando-lhe a presença na sociedade, propriedade ou nos atos cooperativos) e a encarcerar o amor no interior dos nossos afetos. O que até é capaz de confortar o indivíduo, mas faz o amor difícil de ser proposto como realização comum.*

Mas, como isso é possível?

---

<sup>5</sup> RICOEUR, Paul. O Mal. Trad. Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas:Papirus, 1988, p. 44

<sup>6</sup> [http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20130629\\_enciclica-lumen-fidei\\_po.pdf](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei_po.pdf)



Amar também é sustentabilidade e preservação. Mas nem toda preservação e sustentabilidade é amorosa. Precisamos de uma sustentabilidade ecológica por um simples motivo: não podemos sobreviver além de nosso planeta. Há amor, quando a sustentabilidade advém de uma escolha. É claro que podemos sobreviver à desistência de viver por alguém. Não desistir neste contexto é uma escolha. Mas, uma escolha pode ter várias motivações: interesses financeiros, por exemplo. Quando nada motiva essa escolha, isto é, a preservação e a sustentabilidade valem a pena sem motivo, é o amor que se revela.

Então, é simples assim: um crucifixo numa repartição pública não é um mero símbolo religioso específico a ferir o aspecto laico de um Estado de Direito multicultural, mas é símbolo da boa-fé como ânimo das relações entre servidores e cidadãos na memória de que Deus Caritas est et omnia vincit - o amor é transcendente e tudo vence (até a morte e os medos).

O amor não é só olhar, é também a escuta de quem nos chama e nos convoca à promessa de amor e nos mantém fiéis a ela. O amor não endurece, mas nos põe no caminho do diálogo que respeita o outro, porque antes o acolhe no que há de mais espantoso, estranho e difícil de ser aceito por nossas próprias razões.

Então, qual o sentido de uma aliança por amor? O sentido da revelação do amor na promessa que se mantém sem razão alguma. O desejo e a consciência são estados transitórios. Mas uma promessa não se modifica, não se altera, senão sempre foi falsa. Na promessa, o amor encontra seu corpo.

Uma promessa de amor é sempre esperança de seu cumprimento na morte. Não se trata a morte de evento que exista para se evitar ou para se lamentar, mas para condensação de um percurso inteiro numa presença imediata. É a promessa, e não o

desejo e a consciência, que convoca de verdade o amor à existência (Verbo). Uma memória fiel ao seu fim.

Essa propedêutica é interessante para a compreensão de que a concorrência não é o desvalor da cooperação. A coexistência da cooperação e concorrência na ordem econômica significa pluralidade e vitalidade suportadas. Mas, para que não haja conflitos na ponderação de ambas, é preciso perceber a presença desse desvalor a que se correlaciona a cooperação: a colusão. Essa percepção é possível a partir de uma receptividade amorosa para com o terceiro, este totalmente outro na relação societária, real ou operacional entre cooperantes; terceiro que se situa no mercado admitido pela ordem econômica baseada na livre iniciativa. Aqui, brilha a memória de Lévinas:

*“Pergunto-me se, às vezes, não se justifica assim: tornar possível uma responsabilidade des-interessada por outrem exclui a reciprocidade; mas o outro ficaria sem dedicação ao seu outro? É mister um terceiro. Seja como for, na relação com outrem, sempre estou em relação com o terceiro. Mas, ele é também meu próximo. A partir deste momento, a proximidade torna-se problemática: é preciso comparar, pesar, pensar, é preciso fazer justiça, fonte da teoria - da filosofia e da fenomenologia - isto é, explicitar o aparecer - se faz, a meu ver, a partir do terceiro.*

*(....)*

*“Se só houvesse o outro diante de mim, diria até o fim: devolhe tudo. Sou para ele. E isto vale inclusive para o mal que me faz: não sou semelhante, estou par sempre sujeito a ele. Minha resistência começa quando o mal que me faz é feito contra um terceiro que também é meu próximo. É o terceiro que é a fonte da justiça e, por aí, da repressão justificada; é a violência sofrida pelo terceiro que justifica que se pare com violência a violência do outro”.<sup>7</sup>*

---

<sup>7</sup> LÉVINAS, Emanuel. *De Deus que vem à idéia*. Petrópolis : Vozes, 2002. pp. 119-121

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, de 24/11/2013, o Papa Francisco afirma:

*“O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem radica-se e desenvolve-se. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem” (§9°).<sup>8</sup>*

Ele prossegue:

*“Embora esta missão nos exija uma entrega generosa, seria um erro considerá-la como uma heróica tarefa pessoal, dado que ela é, primariamente e acima de tudo o que possamos sondar e compreender, obra de Deus (...) que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito. A verdadeira novidade é aquela que o próprio Deus misteriosamente quer produzir, aquela que Ele inspira, aquela que Ele provoca, aquela que Ele orienta e acompanha de mil e uma maneiras. (...) Esta convicção permite-nos manter a alegria no meio duma tarefa tão exigente e desafiadora que ocupa inteiramente a nossa vida. Pede-nos tudo, mas ao mesmo tempo dá-nos tudo” (§12).*

Chama a atenção no texto que a cooperação se encontre na intimidade do mistério da fé, tal como revelado na Epístola de São Paulo aos Filipenses:

*“Tenham em vocês os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo: Ele tinha a condição divina, mas não se apegou à sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-*

---

<sup>8</sup> [http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.html)

*se obediente até a morte - e morte de cruz ! Por isso, Deus o exaltou grandemente, e lhe deu o Nome que está acima de qualquer outro nome; para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e sob a terra; e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.”<sup>9</sup>*

Deus se fez Pai, porque quis revelar-se aos homens. E se fez Filho para que o Pai precisasse do Filho e a revelação se desse, tanto quanto o Filho precisou do Pai nessa revelação: a ressurreição.

O Filho serviu ao Pai na revelação: o Pai é Deus. E o Pai serviu ao Filho na mesma revelação: o Filho é Deus. Entre eles não houve uma oposição de interesses e portanto não se trata de uma prestação e contraprestação de serviços. Afinal, o Pai e o Filho são Um.

Mas a união daqueles que se identificam tanto poderia significar a solidão de dois, se se fechasse em si, o que já não seria perfeito como bondade. Ela precisa ser aberta na fertilidade em que dois se tornam um, mas vêm a ser três - aparece o Espírito Santo, que se revela como o Verbo que convoca os homens a cooperarem com Ele e como inspiração para uma resposta cooperativa.

Nenhuma palavra consola necessariamente quem está sofrendo. Nem por isso o Verbo está ausente, pois se condensa numa promessa de dias melhores. A sua condensação, quando consumada, já é encarnação e aí há a oportunidade do Verbo se mostrar mais do que uma verdade: já vem a ser primeiro bondade.

No sofrimento, o face a face é o próprio Verbo na comunhão de quem sofre e quem dele se compadece. Foi para essa revelação como idéia perfeita de si, que o Verbo, num dia como hoje, se fez carne e habitou entre nós. Desde que o Verbo, muito tempo antes, dissera “Saia da casa dos seus pais”<sup>10</sup>, Ele já se revelava como

---

<sup>9</sup> Flp 2, 5-11

<sup>10</sup> Gn 12,1

pessoa que nos chama por nosso nome - o Pai. Todos a que o Verbo convocara, responderam. Mas, as respostas sempre tiveram um porém... um medo, uma fuga ou erro, uma fraqueza, uma dúvida... Em todo caso, essas respostas gestaram uma perfeição até que ela foi conseguida, quando uma moça aceitou sem qualquer reserva O acolher em seu ventre como seu Filho<sup>11</sup>.

Maria cantou que Deus olhou para sua humilhação como serva e doravante todas as gerações a felicitarão<sup>12</sup>. Ela estava grávida, mas seu filho não tem um pai de sangue conhecido. Pela interpretação então vigente da Lei mosaica, na sociedade patriarcal da época, a posição de Maria é a mais marginalizada que uma mulher poderia estar<sup>13</sup>, mas por amor como ato puro (a sombra do Espírito Santo); isto é, sem forma alguma (e não de alguma forma, pois ela continua virgem), ela é elevada à condição de Mãe de Deus. Se Moisés trouxera a Lei de Deus, esta criança em gestação a aperfeiçoaria pela hermenêutica<sup>14</sup> ao materializar a misericórdia na própria idéia perfeita de Deus de si.

E José, em silêncio, abismou-se: Maria apareceu grávida. Até aí... mas quem a engravidou foi... Deus. E quem ela foi parir? Deus. Dá para acreditar nisso!<sup>15</sup>

Em José, esse silêncio é eloquente. O que diz esse silêncio?

---

<sup>11</sup> Lc 1,26-38

<sup>12</sup> Lc 1, 46-55

<sup>13</sup> Jo 8, 3-11

<sup>14</sup> “Tanto para a hermenêutica jurídica como para a teológica, é constitutiva a tensão que existe entre o texto – da lei ou da revelação – de um lado, e o sentido que alcança a sua aplicação no momento concreto da interpretação, no juízo ou na predicação, de outro. Uma lei não pede para ser entendida historicamente, ao invés disso a interpretação deve concretizá-la em sua validade jurídica. Do mesmo modo o texto de uma mensagem religiosa não deseja ser compreendido como um mero documento histórico, mas de maneira que possa exercer seu efeito redentor. Em ambos os casos, isso implica que se o texto, lei ou mensagem de salvação, há de ser entendido adequadamente, isso é, de acordo com as pretensões que ele mesmo mantém, deve ser compreendido em cada momento e em cada situação concreta de uma maneira nova e distinta. Compreender é sempre também aplicar” (GADAMER, Hans-Georg. Verdad y método. 11. ed. Salamanca: Sígueme, 2005, p. 380) Tradução para o português por Ricardo Almagro Vitoriano Cunha.

<sup>15</sup> Mt 1, 18-23

Do sentido de Deus menino. O profundo sentido ético no seu acolhimento desse menino. Simples e estranhamente uma criança que diante dele se anunciava no ventre de sua amada<sup>16</sup>.

Para José, a outra, no sentido radical da ética, poderia ser Maria, aquela que ele desejava como sua esposa? Se fosse, a união amorosa com ela constituiria uma unidade fechada, solitária. Porém, nessa união, isso não ocorreu, ela se abriu: quando ele pensava que ocorreria a união patriarcal reconhecida por sua tradição e cultura, o que nada mais significaria senão o aniquilamento da alteridade, fez-se presente o espectro desse Filho. É esse espectro que não permitiu a solidão do casal, mas fez com que ele se abrisse para o cuidado, para a hospitalidade. Pois esse outro ainda desconhecido, fantasmagórico (portanto totalmente outro) justamente foi quem precisava ser cuidado, alimentado. Enfim, é nessa abertura a esse totalmente outro espectral, no amor que não é só Eros, mas também *Ágape*, que dois não viram um, mas três: a Sagrada Família reinaugura a responsabilidade hospitalar que funda toda a ética.. Pois, num dia como hoje, quando a morte rondava as casas da cidade, um homem bom e silencioso salvou a vida do Filho de Maria e assim se tornou pai dessa criança<sup>17</sup>. E pai e mãe, homem e mulher, cooperaram para que o Verbo consumasse a promessa de dias melhores. Quando a civilização pode até mesmo promover uma matança de inocentes, a família se constitui no gozo e na graça do Verbo. E se sagra como esperança de vida e eternidade.

Perceber o Verbo em meio a toda diversidade existente pede o abandono do fetiche de uma moral aprisionada pela oposição de razões biológicas, psíquicas ou culturais. Acolher o totalmente outro é aceitar a diversidade em sua possibilidade infinita.

---

<sup>16</sup> Mt 1, 24-25

<sup>17</sup> Mt 2, 13-18

E das mil e uma respostas que Deus inspira e provoca com a trama narrativa engedrada, o Papa Bento XVI, na Encíclica Caritas in Veritate, de 2009, já indicou uma em especial:

*“Se o amor é inteligente, sabe encontrar também os modos para agir segundo uma previdente e justa competência como significativamente indicam muitas experiências no campo do crédito cooperativo (....)” (§65).<sup>18</sup>*

O Papa Bento XVI voltou às cooperativas em sua mensagem por ocasião do dia internacional da alimentação em 2012, quando ainda estava em pleno exercício de sua titulação:

*“A Igreja Católica, como sabemos, considera também o trabalho e a empresa cooperativa como modos para viver uma experiência de unidade e de solidariedade capaz de superar as diferenças e até os conflitos sociais entre as pessoas e entre os diversos grupos. Por esta razão, com o seus ensinamentos e as suas ações ela, desde sempre, apoiou os modelos das cooperativas, porque está convicta de que a sua atividade não se limita só à dimensão econômica, mas contribui para o crescimento humano, social, cultural e moral de quantos dela fazem parte e da comunidade na qual elas estão inseridas. Com efeito, as cooperativas são uma expressão concreta não de uma complementaridade estéril, mas de uma verdadeira subsidiaridade; um princípio que a doutrina social da Igreja estabelece como fundamento de uma relação correta entre a pessoa, a sociedade e as instituições. A subsidiaridade, de fato, garante a capacidade e a contribuição original da pessoa preservando as suas aspirações na dimensão espiritual e material, e tendo em justa consideração a promoção do bem comum e a tutela dos direitos da pessoa. Num mundo à procura das intervenções apropriadas para superar as dificuldades causadas pela crise econômica e para dar à globalização um sentido humano autêntico, a experiência das cooperativas representa muito*

---

<sup>18</sup> [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate_po.html)

*bem este novo tipo de economia ao serviço da pessoa, ou seja, capaz de favorecer formas de partilha e de gratuidade, que são o fruto respectivamente da solidariedade e da fraternidade (Caritas in veritate, 39).<sup>19</sup>*

Deveras, ao vincular a cooperativa não só à inteligência (razão), mas ao amor, o Papa Bento XVI, escrevia sobre Verdade. Considerando o significado das Encíclicas sobre Fé<sup>20</sup>, Esperança<sup>21</sup> e Amor<sup>22</sup>, escritas entre 2005 e 2013, em evidente referência à primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios<sup>23</sup>, o Papa Bento XVI afirmou no magistério teológico, o que o Papa Francisco confirmou agora em seu apostolado: existe um nexó axiológico essencial entre a cooperação e a misericórdia.

Aqui, merecida uma outra remissão à exortação apostólica *Evangelii Gaudium*:

*“O diálogo entre ciência e fé também faz parte da ação evangelizadora que favorece a paz (...), [o] que exige uma síntese entre um uso responsável das metodologias próprias das ciências empíricas e os outros saberes como a filosofia, a teologia, e a própria fé que eleva o ser humano até ao mistério que transcende a natureza e a inteligência*

---

<sup>19</sup> [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/messages/food/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20121016\\_world-food-day-2012\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/food/documents/hf_ben-xvi_mes_20121016_world-food-day-2012_po.html)

<sup>20</sup> *Lumen Fidei*, já citada.

<sup>21</sup> *Spe Salvi*, de 2007

<sup>22</sup> *Deus Caritas Est*, de 2005

<sup>23</sup> “Se eu falar as línguas dos homens, e dos anjos, e não tiver amor, sou como o metal que soa ou como o sino que tinge. E se eu tiver o dom de profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber: e se tiver toda a fé, até o ponto de transportar montes, e não tiver amor, não sou nada. E se eu distribuir todo os meus bens para o sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver amor, nada disso se me aproveita. O amor é paciente, é benigno, o amor não é invejoso, não obra temerária, nem precipitadamente, não se ensoberbece. Não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. O amor nunca jamais há de acabar, ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas, ou seja esquecida a ciência. Porque em parte conhecemos, e em parte profetizamos. Mas, quando vier o que é perfeito, abolido será o que é em parte. Quando eu era menino, falava como menino, julgava como menino, discorria como menino. Mas, depois que eu cheguei a ser homem feito, dei de mão às coisas que eram de menino. Nós agora vemos a Deus como por um espelho de enigmas, mas então face a face. Agora conheço-o em parte, mas então hei de conhecê-lo, como eu mesmo sou também dele conhecido. Agora pois permanecem a fé, a esperança e o amor, estas três virtudes; porém a maior delas é o amor.” 1Cor 13



*humana, (...) tendo em vista procurar que sempre respeitem a centralidade e o valor supremo da pessoa humana em todas as fases da sua existência. Toda a sociedade pode ser enriquecida através deste diálogo que abre novos horizontes ao pensamento e amplia as possibilidades da razão. (§ 242)*

*“Uma pastoral em chave missionária não está obsesionada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa. (§35)*

*«São Tomas de Aquino ensinava que (...): “Em si mesma, a misericórdia é a maior das virtudes (...).” (§37)*

*«Tal como existe uma unidade orgânica entre as virtudes que impede de excluir qualquer uma delas do ideal cristão, assim também nenhuma verdade é negada. (...) Além disso, cada verdade entende-se melhor se a colocarmos em relação com a totalidade harmoniosa da mensagem cristã: e, neste contexto, todas as verdades têm a sua própria importância e iluminam-se reciprocamente. (...) O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos.(...). (§39)*

*“(....) este compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e económico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade. (§102)*

*«Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe. (§113)*

---

*Em última instância, a ética leva a Deus que espera uma resposta comprometida que está fora das categorias do mercado. Para estas, se absolutizadas, Deus é incontrolável, não manipulável e até mesmo perigoso, na medida em que chama o ser humano à sua plena realização e à independência de qualquer tipo de escravidão. A ética (...) permite criar um equilíbrio e uma ordem social mais humana. (§57)*

Bem, amigo Renato, é isso que me ocorre lhe dizer num dia como hoje. Que a graça esteja sempre contigo!